

# Exploradores do Desconhecido



**Amanhã é ontem**

JoK

# **EXPLORADORES DO DESCONHECIDO AMANHÃ É ONTEM**

Gian Danton

Capa Jean Okada  
Ilustrações internas: JJ Marreiro

## **PERSONAGENS**

GRANDE LORDE ISHNA E AMESHA – dois deuses presos no tempo

GARRY ROLAND, JEAN E MAI – que não se lembram o que está acontecendo.

JAIME – que descobre a resposta para a charada temporal

## **PARTE 1**

O salto aconteceu.

De repente não estavam mais em local nenhum, mas em todos. Estavam num ponto entre todos os espaços e todos os tempos. Era um segundo e um milhão de anos. O cérebro se alterava nesse tempo e espaço estranhos, indo para o passado e para o futuro.

A mente de Jaime estava no passado, nas lembranças de infância.

Estava num dia de natal. Ele teria quantos anos? Cinco? Seis? Por mais que forçasse a memória, não conseguia definir. Era como se o tempo não-tempo e o espaço sem local em que se encontrava embaralhasse suas lembranças, confundindo-o. Mas, surpreendentemente, embora não pudesse definir ao certo quando acontecera, a cena era real. Podia ver a grande árvore de natal, tomando a maior parte da sala, as bolas coloridas brilhando como estrelas, quase cegando-o. Havia também anjos, renas, de um material prateado que parecia metal, mas não era. Tudo era encantando e belo, como um sonho de infância.

Jaime olhou em volta. As pessoas trocavam presentes. Alguns falavam, outros comiam. As imagens e sons pareciam distorcidos, como em fotos antigas, fora de foco. Então alguém apareceu à sua frente. Era seu tio Rodrigo. Ele falou alguma coisa e, mesmo sem entender, Jaime riu. Era engraçado, divertido. Fazia com que as risadas aflorassem. O que ele estava dizendo? O que ele estava dizendo? Seria importante?

Jaime esforçou-se e, embora seus ouvidos parecessem estar tampados com algodão, ele conseguiu ouvir trechos, a grande custo:

- Em breve vão me procurar... vou... deixar... presente... preste atenção... números... simetria... defeitos... preste atenção nos detalhes...

De repente ele acordou. Tinha se passado pouco mais de um segundo e Jaime se espantou de ter conseguido sonhar – ou imaginar – uma cena com tantos detalhes.

- Estão todos bem?

Era a voz do capitão. Uma voz calma, tranqüila. Incrível como um homem podia transmitir tanta tranqüilidade. Jaime lera uma vez que líder é aquele que consegue revelar o melhor lado das pessoas. Se isso fosse verdade, Garry Roland era o melhor líder que ele já conhecera.

- Sim, senhor, estou bem. – respondeu Jaime, a memória ainda ecoando as imagens da árvore de natal, das bolas luminosas, do tio Rodrigo e sua fala misteriosa.

Um a um, os outros integrantes da equipe foram acordando do rápido torpor que surgia após o salto quântico e confirmando que estavam bem.

- Muito bem, vamos confirmar coordenadas. Jaime?

Ainda um pouco abalado pela espécie de sonho, Jaime escaneou as estrelas. Levou um susto.

- Senhor... – sua voz estava embargada, quase gaguejante. Saímos onde queríamos... mas tem algo errado...

Roland aproximou-se e olhou na tela. Jaime apontou para o monitor.

- Está vendo este planeta?

- Sim.

- Ele não deveria estar aí. Não existe um planeta nessa área do espaço.

- Tem certeza?

- Rastreei essa área do espaço várias vezes. Não deveria existir um planeta aqui.

O capitão franziu a testa, intrigado.

- Não estamos em outra dimensão?

- Não, senhor. Todo o resto bate, menos esse planeta.

Roland apontou para a tela.

- Tente dar um zoom.

Jaime balançou a cabeça.

- Já está no máximo, senhor. Acima disso, perdemos resolução. Vamos ter que nos aproximar mais.

Roland coçou o queixo. Depois decidiu:

- Certo. Vamos lá.

Conforme se aproximavam, o planeta se tornava maior e mais nítido. Inicialmente parecia apenas um ponto claro na tela. Depois foi ganhando forma. Finalmente tornou-se visível.

- Senhor, não é um planeta! – gritou Jaime, mexendo nos

controles de imagem.

Todos pararam o que estava fazendo e olharam para o brasileiro.

- Como assim, não é um planeta? – indagou Roland, aproximando-se e rastreando a tela com o olhar arguto.

- É uma nave, senhor. Enorme!

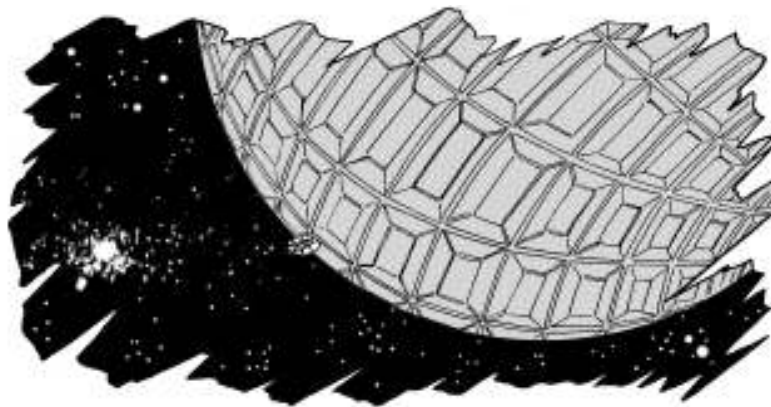
Helga abriu a imagem em sua tela.

- É pelo menos 100 vezes maior que nossa nave. Não, maior. Muito maior!

Mai também visualizava a nave em seu monitor:

- Meu Deus, que seres seriam capazes de fazer uma nave tão grande?

- Provavelmente é muito desenvolvida também. – explicou Jaime, aumentando a definição da imagem. Parece ser uma tecnologia extraordinária. A nave não é feita de metal. Parece



outra substância... não sei como explicar.

Jean soltou um grunhido:

- Oh-oh! Tem algo errado aqui!

Roland desviou o olhar para o francês, responsável pela mecânica da nave.

- O que foi agora?

- Estamos nos aproximando rápido da nave gigantesca. Rápido demais.

- Estamos sendo puxados! – anunciou Helga, intrigada. Alguma coisa está nos puxando!

- Jean, reverta os motores! – ordenou Roland, sentando-se em sua cadeira.

- Já tentei isso. A força é tremenda. Não há como escapar. Se continuar forçando os motores, podemos explodir.

Roland pensou por um instante. Jaime observou-o e admirou a calma daquele homem, mesmo nas situações mais dramáticas. E, por mais estranhas que parecessem suas ações, elas sempre davam certo.

- Ok, desligue os motores. Vamos ver quem quer nossa visita...

A nave foi deslizando pelo espaço na direção do gigante mecânico.

Uma comporta se abriu e na nave entrou por ela. As câmeras externas captaram um hangar imenso. Havia duas pessoas lá fora, perto da nave, esperando. Eram azuis. E eram grandes, enormes. Não só altos, mas também fortes. Deviam ter, em

média dois metros e meio. Usavam roupas soltas de algo que não parecia tecido. Aparentava mais uma nuvem que se movimentava continuamente. Jaime lembrou-se de um quadro que vira uma vez, de deuses indianos. Helga, aparentemente, fez uma correlação mais moderna.

- A roupa deles parece ser feita de nanorobôs, adaptando-se a cada situação para provocar o máximo de conforto e dar o máximo de mobilidade. – disse a alemã.

- Vamos sair. – anunciou o capitão. Não adianta nada ficar aqui dentro. Somos prisioneiros de qualquer forma.

A porta se abriu e a escada desceu. Roland foi o primeiro a sair. O homem azul olhou-o intrigado:

- Quem são vocês? O que estão fazendo aqui?

Jaime desceu, ao lado do capitão:

- Foram vocês que nos puxaram até aqui! – disse.

Roland colocou a mão no ombro do rapaz:

- Calma.

E, virando-se para os alienígenas:

- Meu nome é Garry Roland. Eu sou o capitão da Pionner e...

Mas foi interrompido por um dos homens azuis, que levou a mão à cabeça, como se estivesse tendo uma revelação:

- Estranho, tenho a impressão de que isso já aconteceu antes!

O outro ignorou isso e apontou o caminho.

- Tenho ordens de levá-los ao Grande Lorde!

Roland virou-se para Jean:

- Você fica. Se algo der errado, tente fugir.

- Sim, senhor.

- Quanto aos outros, venham comigo. Vamos conhecer o nosso anfitrião.

Os dois não pareceram se importar com o fato de Jean ter ficado na nave. Talvez sua ordem fosse para levar apenas parte do grupo, ou talvez isso significasse que eles não tinham más intenções... mas o mais certo é que eles nem mesmo se importavam com isso. Sabiam que a fuga era impossível.

O grupo avançou, ladeado pelos dois gigantes azuis, que andavam em silêncio. De repente um deles bateu na testa, surpreso:

- Claro! Agora me lembro! Sim, agora sei de tudo. Tudo que já aconteceu e vai acontecer. Oh, Grande Lorde!

O outro se limitou a apontar um portão enorme:

- É aqui a morada do Grande Lorde Ishna. Por favor, entrem...

As laterais da porta deslizaram para os lados e um amplo salão se revelou. Os exploradores avançaram, seguidos pelos dois, que conversavam entre si:

- Agora eu me lembro! Agora me lembro de tudo!

- Sim, eu sei! – tranquilizava o outro. Agora, acalme-se.

O salão era tão luxuoso quanto amplo. Nas paredes, imagens em alto relevo se moviam, contando histórias de guerras

espaciais e epopéias intergalácticas.

No centro, o que parecia ser a estátua de um rei sentado em seu trono, o queixo na mão, em atitude triste e contemplativa, um olhar impregnado de drama.

Jaime aproximou-se daquela imagem estática e espantou-se quando a aparente estátua se mexeu. Era como olhar para um deus. Seu rosto azul fulgurava como um sol e era quase impossível sustentar seu olhar.

Um dos soldados se aproximou e apontou para os Exploradores:

- Senhor, estes são os invasores.

O Grande Lorde levantou e aproximou-se do grupo.

- Não são invasores, são prisioneiros, como nós.

- Bom dia, Garry Roland...

Jaime espantou-se ao perceber que, pela primeira vez, seu capitão engolia em seco. Normalmente tão calmo e confiante, Roland estava desconcertado.

- Como... como sabe o meu nome?

- Sei de muitas outras coisas... você ainda não se lembrou?

- Do que eu deveria me lembrar?

Ishna andou até as paredes e ficou apreciando os alto-relevos em movimento.

- De tudo, Roland. De tudo.

- De tudo? – indagou Roland, coçando o queixo.

- Sim, a maioria de nós, deuses, leva horas para conseguir se lembrar... portanto não admira que vocês, simples humanos, demorem mais para recordar... creio que deva abreviar esse tempo, contando-lhe tudo... vocês estão aqui há uma semana.

O grupo deu um grito de espanto.

- Uma semana? Nós acabamos de chegar! – disse Jaime.

O Grande Lorde encarou-o e ele se sentiu pequeno, ínfimo.

- Não, meu pequeno companheiro de cela. Vocês chegaram há uma semana... e estão presos conosco num dia que nunca acaba... mas não começou com vocês... ao contrário, a chegada de sua nave foi uma das poucas coisas novas que presenciamos em séculos...

- Sim, sim... eu começo a me lembrar! – exclamou Mai.

- Há quase um milênio, chegamos a essa região do universo. No final de um dia, algo absolutamente imprevisível aconteceu, a nave explodiu e todos morremos. Deuses morrendo... quando achávamos que a eternidade do não-ser, do esquecimento, era o que nos aguardava, um novo dia começou, como uma nova chance... mas era o mesmo dia anterior, com pequenas mudanças. Aos poucos íamos nos lembrando do passado, dos dias anteriores, da roda eterna que nos prendia. A maioria não conseguia ter consciência de que estava vivendo novamente o mesmo dia, até ser tarde demais. Os que se lembravam achavam, inicialmente, que esse eterno retorno fosse uma chance de mudar tudo e nos livrar da morte terrível... Mas, depois de séculos, ficou claro estávamos presos a uma armadilha temporal...

O Grande Lorde soltou um longo suspiro. Era uma história inacreditável, mas agora que a havia ouvido, os Exploradores começavam, um a um, a se lembrar da verdade.

Um dos outros azuis se aproximou e inclinou-se:

- Senhor, está na hora de fornecer as coordenadas.

O Grande Lorde fez que sim com a cabeça:

- Está bem.

E, virando-se para Roland:

- Preciso que me dê um minuto.

O semi-deus deu dois passos para a frente, exibiu uma pose cerimonial, com a mão direita empostada e começou a cantar. Sua canção era feita de números:

4433221111223344

1122334444332211

Jaime cutucou Mai:

- Interessante. Ele está inserindo dados no computador. É uma linguagem quaternária, e não binária!

Quando terminou, o Lorde tocou no ombro de Roland:

- Nessa semana que estamos juntos aprendi a respeitá-los, apesar de saber que são apenas mortais. Peço que fiquem à vontade. Embora saiba que esse é um dia que sempre se repete, tenho minhas obrigações. Assim, vou deixá-los por conta de Amesha.

Uma mulher v aproximou-se. Era grande e azul, como os

outros. Mas era também bela, muito bela. Seu rosto era como uma canção de ninar nos dias felizes da infância, seus lábios eram a água para o sedento. Jaime perguntou-se se os extraterrestres machos exerciam igual fascínio sobre Helga e Mai.

- Venham comigo. Por favor. – pediu ela, estendendo a mão.

Jaime teve vontade de pegar na mão dela, mas segurou-se a tempo de perceber que aquele era apenas um gesto simbólico.

- Devem estar com fome. Vou levá-los para comer.

O grupo acompanhou Amesha até uma espécie de refeitório. Era como andar num transatlântico. Nada das salas e corredores apertados da Pionner. Tudo era muito amplo e luxuoso.

- Ao contrário de vocês, não temos grande variedade de comidas. Nosso alimento, é basicamente, o néctar. – explicou Amesha, estendendo um copo para uma abertura.

O copo se encheu até pouco antes da borda e Amesha estendeu-o para Mai. A moça bebeu um pouco e estalou a língua:

- Nossa, é uma delícia!

Amesha sorriu:

- O alimento dos deuses não poderia ser nada menos que delicioso. Vamos, peguem um copo e experimentem.

- Primeirão! – exclamou Jaime, colocando um copo na abertura.

Mas algo estranho aconteceu. O copo não encheu. Ficou lá, vazio, como se o mecanismo não estivesse funcionando. Jaime aproximou o rosto da abertura.

- Ei, entrou em greve justo agora?

Então a máquina espirrou o líquido, não no copo, mas no rosto de Jaime, deixando-o todo sujo, o que provocou um acesso de riso em Mai.

- Acho que você foi com muita fome ao pote. – sugeriu ela.

Amesha balançou a cabeça, desconsolada:

- Devia tê-los avisado. Essa máquina tem mostrado esse tipo de problema desde que entramos nesse ciclo de eterno retorno. Talvez seja um efeito colateral. Peço desculpas. Mas acho que isso vai resolver.

Amesha abriu uma caixa da qual saltou uma nuvem que avançou sobre Jaime. O rapaz recuou, nervoso, mas logo percebeu que aquilo era uma espécie de sistema de limpeza.

- Genial! Vocês usam nano-robôs para limpeza!

- Eles são capazes de destruir até mesmo as menores bactérias.

- É por isso que tudo aqui é muito limpo. – refletiu Helga, olhando à volta.

No final, todos acabaram se servindo do néctar sem maiores incidentes. Após a refeição, Amesha se ofereceu para mostrar a nave. Era tão grande que precisaram entrar em um elevador panorâmico para alcançar os níveis superiores. Com todo o trabalho por conta de robôs, o povo

azul vivia apenas divertindo-se, recitando poesias, cantando... os exploradores logo perceberam que a poesia e a música tinha base matemática clara, com letras que muitas vezes representavam números. Era comum que as letras fossem repetidas para criar uma perfeita simetria.

- A simetria é a base de nossa cultura. – explicou Amesha. Por isso nossa nave é perfeitamente circular. Tudo aqui é perfeitamente simétrico, pois a beleza está na simetria.

Enquanto falava, o elevador ia subindo e toda a beleza e esplendor se revelavam ao grupo. De fato, tudo na nave tinha dois lados perfeitamente iguais. Jaime observou que até a bela Amesha tinha o rosto perfeitamente simétrico.

Em determinado ponto, o elevador parou.

- Chegamos? – indagou Mai.

Amesha fez que não.

- Mais uma vez os equipamentos estão em pane. Paramos no meio do caminho. Computador, suba!

O cérebro eletrônico não respondeu.

- Computador, suba!

Mais uma vez não houve resposta. Na verdade, o mecanismo só voltou a se mexer quase 10 minutos depois.

O grupo fez um tour pela biblioteca (onde os azuis liam livros em terceira dimensão, e interagiam com eles), o ginásio e uma área de lazer, onde as mulheres e homens dançavam, sorvendo o nectar.

A certo instante, Amesha anunciou:

- Chegou a hora. Vamos para a ponte.

Pegaram novamente o elevador. Dessa vez, não houve contratempos.

A ponte, assim como o resto da nave, era imensa e perfeitamente simétrica. O trono de Ishna ficava exatamente no centro. À frente dele ficavam navegadores. Estavam todos concentrados, como se estivessem num funeral.

- É agora. – anunciou Amesha.

- O que acontece agora? – indagou Jaime.

- Faltam dez segundos, Grande Lorde Ishna. – anunciou um dos navegadores.

- O que acontece agora? – insistiu Jaime.

- Agora nós morremos. – respondeu Amesha, com a voz embargada.

Houve uma explosão em algum lugar. Depois outra, e outra. Então toda a nave desapareceu no espaço. Todos agora estavam mortos.

## PARTE 2

Jaime se lembrava mais claramente agora. Era um dia de natal? Quantos anos ele tinha? Seis? Sete anos? Talvez oito anos... O tio Rodrigo aproximou-se dele, fez uma piada e riram muito. Anos depois ele se perguntou como o tio poderia rir numa situação como aquela... como poderia rir, mesmo estando tão próximo da morte.

O tio lhe entregou um pacote grande. Era pesado. Jaime pensou que fosse um Simulador Virtual Torrent, mas não era. Era alguma coisa feita de papel. Papel encadernado e cheio de palavras. Na capa, podia ser nomes de pessoas: Monteiro Lobato, Júlio Verne, George Orwell...

Os pais se espantaram:

- Livros? Você deu livros para nosso filho!

Jaime levantou o olhar, confuso:

- O Grande Pai proibiu os livros...

Tio Rodrigo abaixou-se e falou com Jaime, olhos nos olhos:

- Não existe um Grande Pai. Ele não é nada mais que um ditadorzinho, um homem com problemas pessoais e que tenta resolvê-los perseguindo e dominando a tudo e a todos... até a informação... a proibição dos livros... ele proibiu os livros porque sabe que não pode controlá-los. Agora todos só lêem o que está na internet... e a internet está totalmente censurada...

O pai de Jaime parecia muito, muito preocupado:

- Ter livros em casa...

- Sabia que este governo gasta mais controlando a informação do que jamais gastou com saúde? Escute, meu irmão. Essa ditadura não vai durar para sempre... e meu sobrinho precisa estar preparado para pensar por si só quando tudo isso acabar... quando essa era de previsibilidade e controle se acabar.

E, virando-se para o menino:

- Meu sobrinho. Guarde esses livros. Esconda-os, mas leia... e lembre-se que ninguém pode controlar seu destino. Seu destino é você mesmo que faz... hoje pode parecer que essa ditadura vai durar para sempre, mas talvez amanhã mesmo ela acabe por causa de uma pequena coisa. Os cientistas descobriram que o mundo é governado por pequenas mudanças. Se você mudar, todo o resto poderá mudar. Jamais se dobre...

A lembrança, de repente, apagou-se.

### **PARTE 3**

- É uma nave, senhor. Enorme!

Helga abriu a imagem em sua tela.

- É muito grande! Pelo menos 100 vezes maior que nossa nave.

Não, maior. Muito maior!

Mai também visualizava a nave em seu monitor:

- Meu Deus, que seres seriam capazes de fazer uma nave tão grande?

- Provavelmente é muito desenvolvida também. – explicou Jaime, aumentando a definição da imagem. Parece ser uma tecnologia extraordinária... Estranho, tive agora um dja vu...

Garry Roland franziu o cenho:

- Como assim?

- Não sei explicar, senhor... é como se já tivesse vivido isso antes.

Foram interrompidos por Jean:

- Oh, oh! Tem algo errado aqui, senhor!

O capitão desviou o olhar para o francês.

- O que foi agora?

- Estamos nos aproximando rápido da nave gigantesca. Rápido demais.

- Estamos sendo puxados! – anunciou Helga, intrigada. Algo coisa está nos puxando!

- Jean, reverta os motores! – ordenou Roland, sentando-se em sua cadeira.

- Já tentei isso, capitão. A força é tremenda. Não há como escapar. Se continuar forçando os motores, vamos explodir. Roland pensou por um instante. Jaime não conseguia tirar da cabeça a impressão de que já tinha vivido aquilo de alguma forma.

- Ok, desligue os motores. Vamos ver quem quer nossa visita... A nave foi deslizando pelo espaço na direção do gigante mecânico.

Uma comporta se abriu e na nave entrou por ela. As câmeras externas captaram um hangar imenso. Havia duas pessoas lá fora, perto da nave, esperando. Eram azuis. E eram grandes, enormes. Não só altos, mas também fortes. Usavam roupas soltas de algo que não parecia tecido. Jaime lembrou-se de



um quadro que vira uma vez, de deuses indianos.

- Vamos sair. – anunciou o capitão. Não adianta nada ficar aqui dentro.

A porta se abriu e a escada desceu. Roland foi o primeiro a sair. O homem azul olhou-o intrigado:

- Quem são vocês? O que estão fazendo aqui?

Jaime desceu, ao lado do capitão:

- Foram vocês que nos puxaram até aqui! – disse. O que isso significa?

Roland colocou a mão no ombro do rapaz:

- Calma.

E, virando-se para os alienígenas:

- Meu nome é Garry Roland. Eu sou o capitão da Pionner e...

Mas foi interrompido por um dos homens azuis, que levou a mão à cabeça, como se estivesse tendo uma revelação:

- Oh, sim! Agora me lembro de tudo!

O outro olhou-o:

- Estamos nos lembrando cada vez mais cedo...

Depois, virando-se para os Exploradores

- Tenho ordens de levá-los ao Grande Lorde!

Roland virou-se para Jean:

- Você fica. Se algo der errado, tente fugir.

- Sim, senhor.

- Quanto aos outros, venham comigo. Vamos conhecer o nosso anfitrião.

O grupo avançou, ladeado pelos dois gigantes azuis, que andavam em silêncio.

Pararam em frente a um grande portão. A porta se abriu e os Exploradores puderam entrar em um grande salão. Nas paredes, imagens em alto relevo se moviam, contando histórias de guerras espaciais e epopéias intergalácticas.

No centro, um grande trono no qual se sentava um homem com o olhar de deus. Ele se levantou e cumprimentou o capitão:

- Olá, Garry Roland. Já se lembrou?

- Sim, eu me lembro. Eu lembro de tudo, acho... – interveio Jaime, entre entusiasmado e indeciso. Nós estamos aqui há uma semana, não é isso? E seu nome é Grande Lorde Ishna. O semi-deus fez que sim com a cabeça e um quase sorriso aflorou em seu rosto:

- Vocês me espantam, terrestres. Não achei que um de vocês iria se lembrar tão cedo...

Helga deu um passo à frente. Por um momento, Jaime achou que fosse encarar o Grande Lorde, mas ela não o fez.

- O que está acontecendo?

Ishna suspirou, como se estivesse cansado:

- Quer explicar, pequenino?

- Estamos presos num lapso temporal, num dia que sempre volta. – disse Jaime. Estamos nisso há uma semana, mas eles... eles estão aqui há séculos, pelo que sei.

- O quê? Do que está falando?

O capitão os interrompeu:

- Sim, agora eu começo a me lembrar. Jaime está me ajudando... é verdade, o que estou captando? Ainda não é uma lembrança real... algo sobre essa nave explodindo?

- Sim, senhor. Antes que termine este dia, a nave irá explodir e todos nós iremos morrer... mas todos teremos uma segunda chance.

Mai parecia intrigada:

- É como uma charada cósmica, que precisa ser resolvida, ou vamos ficar aqui para sempre...

- Sim, é necessário descobrir algo... Grande Lorde, já tentaram identificar o que provoca a explosão da nave?

- Sim, várias vezes. – respondeu Ishna, com a voz cansada.

Parece não haver razões...

- Não sofreram nenhum ataque? – indagou o capitão.

- Não há nenhuma nave por perto. A primeira nave que vimos por perto é a de vocês...

- Um evento cósmico? Um buraco negro?

- Não, nada disso, já checamos. Não parece haver nada de errado. Agora, peço que me dêem licença. Preciso cantar as coordenadas.

O semi-deus deu dois passos para a frente, exibiu uma pose cerimonial, com a mão direita empostada e começou a cantar. Sua canção era feita de número:

4433221111223344

1122334444332211

Jaime cutucou Mai:

- Interessante. Ele está inserindo dados no computador. É uma linguagem quaternária, e não binária!

Quando terminou, o Lorde tocou no ombro de Roland:

- Nessa semana que estamos juntos aprendi a respeitá-los, apesar de saber que são apenas mortais. Peço que fiquem à vontade. Tenho minhas obrigações, mas vou deixá-los por conta de Amesha.

Uma mulher aproximou-se. Era grande e azul, como os outros. Mas era também bela, muito bela. Seu rosto era como uma canção de ninar nos dias felizes da infância, seus lábios eram a água para o sedento. Jaime perguntou-se se os extraterrestres machos exerciam igual fascínio sobre Helga e Mai.

- Venham comigo. Por favor. – pediu ela, estendendo a mão.

- Devem estar com fome. Vou levá-los para comer.

O grupo acompanhou Amesha até uma espécie de refeitório.

- Ao contrário de vocês, não temos grande variedade de comidas. Nosso alimento, é basicamente, o néctar. – explicou Gamesh, estendendo um copo para uma abertura.

O copo se encheu até pouco antes da borda e Amesha estendeu-o para Helga. A moça bebeu um pouco e fez que sim com a cabeça:

- Parece nutritivo.

Amesha sorriu:

- O alimento dos deuses não poderia ser nada menos que completo. Vamos, peguem um copo e experimentem.

O capitão foi o primeiro a colocar um copo na abertura. O mecanismo devia encher o copo automaticamente, mas não foi isso que aconteceu. O copo ficou lá, parado, sem qualquer líquido.

- Essas falhas mecânicas se tornaram freqüentes depois que entramos nesse lapso temporal... computador, encha o copo.

Então, de repente, a máquina voltou a funcionar, mas de forma incorreta, pois mesmo após o copo estar cheio, continuou derramando o néctar por um bom tempo.

Amesha balançou a cabeça, irritada.

- Limpem isso. – disse, abrindo uma caixinha da qual saiu uma nuvem de nanorobôs. Em pouco tempo todo o local estava limpo.

No final, todos acabaram se servindo do néctar sem maiores incidentes. Após a refeição, Amesha se ofereceu para mostrar a nave. Era tão grande que precisaram entrar em um elevador panorâmico para alcançar os níveis superiores. Com todo o trabalho por conta de robôs, o povo azul vivia apenas divertido-se, recitando poesia, cantando...

- A simetria é o elemento fundamental, a base de nossa cultura. – explicou Amesha. Por isso escolhemos a esfera como forma para nossa nave. A beleza está na simetria.

Enquanto falava, o elevador ia subindo e toda a beleza e esplendor se revelava ao grupo. De fato, tudo na nave tinha dois lados perfeitamente iguais. Jaime observou que até a bela Amesha tinha o rosto perfeitamente simétrico.

Em determinado ponto, o elevador parou.

- Chegamos? – indagou Mai.

Amesha fez que não.

- Mais uma vez os equipamentos estão em pane. Paramos no meio do caminho. Computador, suba!

O cérebro eletrônico não respondeu.

- Computador, suba!

Mais uma vez não houve resposta. Na verdade, o mecanismo só voltou a se mexer muito tempo depois.

O grupo fez um tour pela biblioteca pelo ginásio e pela área de lazer, onde as mulheres e homens dançavam, sorvendo o nectar.

A certo instante, Amesha anunciou:

- Chegou a hora. Vamos para a ponte.

Pegaram novamente o elevador. Dessa vez, não houve contratempos.

A ponte, assim como o resto da nave, era imensa e perfeitamente simétrica. O trono de Ishna ficava exatamente no centro. À frente dele ficavam navegadores. Estavam todos concentrados, como se estivessem num funeral.

- É agora. – anunciou Amesha.

- Sim, eu me lembro! – disse Jaime.

- Faltam dez segundos, Grande Lorde Ishna. – anunciou um dos navegadores.

- O que acontece agora? – Indagou Mai.

- Agora nós morremos. – respondeu Amesha, com a voz embargada.

- Oh, não! – gritou Jaime. Eu sei! Sei o que está acontecendo! Achei a resposta!

Mas não teve tempo de continuar. Em algum lugar houve uma explosão. Depois outra, e outra. Então toda a nave desapareceu no espaço. Todos agora estavam mortos.

#### **PARTE 4**

Já não era mais noite de natal. Os livros estavam guardados, escondidos, mas Jaime sempre os pegava para ler, como se fossem seu tesouro particular... e a cada leitura era como se fosse transportado para um outro mundo, para uma outra realidade onde tudo era possível. Ele imaginou que era assim que se sentiam os astronautas...

Então, um dia, seu pai recebeu um telefonema. Ficou em silêncio por um bom tempo, apenas ouvindo. Depois começou apenas a murmurar... e seu semblante se tornou carregado. A esposa estava ao lado e indagava o tempo todo o que estava acontecendo. Ele apenas pedia silêncio, o que aumentava ainda mais a angústia. O pequeno Jaime sabia que algo estava acontecendo... algo terrível.

Finalmente, o pai desligou o aparelho.

- O que aconteceu? – indagou Jaime.

- Seu tio...

Parecia que a voz ia sumir, no meio de um soluço de choro. Mas ele se segurou e se recompôs:

- Seu tio foi preso... foi preso pelos homens do Grande Pai!

A mãe levou a mão ao rosto, para esconder o choro.

- Eles vão matá-lo!

- Rodrigo já deve estar morto! Meu irmão! Meu Deus!

Então não conseguiu se segurar mais e caiu no choro. De certa forma, estava envergonhado por chorar na frente do filho, mas não conseguia impedir.

De repente a mãe levantou a cabeça. Seus olhos estavam vermelhos e ela ainda soluçava, mas agora não era a tristeza que tomava seu rosto. Era a preocupação.

- Os livros. Se vierem aqui, vão encontrar os livros e então... oh meu Deus! Precisamos destruir os livros!

Jaime correu até seu quarto, até o local em que guardava os livros e abraçou-se a eles, como se estivesse abraçado ao tio. Ele chorava e se lembrava do tio, sempre sorridente, sempre brincalhão... e não conseguia acreditar que ele estava morto.

A mãe e o pai logo surgiram no quarto. A mãe abaixou-se e tentou separá-lo dos volumes, abraçados no peito:

- Meu filho, precisamos queimar esses livros!

- Não! Não! – gritava ele, histérico, agarrando-se ainda mais aos livros. Muitos haviam caído no chão. Mas alguns deles ainda estava firmes em seus braços. Bastava que os homens do Grande Pai encontrassem um único volume com a família para que todos fossem presos.

- Se nos pegarem com esses livros, matam todos nós, como devem ter feito com seu tio!

O menino chorava e fugia, se encolhendo no canto:

- Não! Não! O tio Rodrigo não está morto! Ninguém vai

queimar esses livros! São presentes dele...

O pai aproximou-se, mas não tentou puxar os livros. Só abraçou o filho, acariciando seus cabelos. O garoto chorou, chorou muito. Depois olhou para o pai:

- Precisamos mesmo queimar esses livros, pai?

- Sim, precisamos, mas um dia... chegará um dia em que qualquer um poderá fazer o que quiser... um dia em que não as pessoas terão como único limite sua imaginação...

- Como os astronautas... – disse o garoto.

## **PARTE 5**

- É uma nave, senhor. Enorme!

Helga abriu a imagem em sua tela.

- É pelo menos 100 vezes maior que nossa. Não, maior. Muito maior!

Jean soltou um grunhido:

- Oh, oh! Tem algo errado aqui! Estamos nos aproximando rápido da nave gigantesca. Rápido demais.

- Estamos sendo puxados! – anunciou Helga, intrigada.  
Alguma coisa está nos puxando!

- Jean, reverta os motores! – ordenou Roland, sentando-se em sua cadeira.

- Já tentei isso, senhor. Não temos resultado. Se continuar forçando os motores, podemos explodir.

- Certo, desligue os motores. Vamos nos deixar levar pela maré...

Uma comporta se abriu e na nave entrou por ela. As câmeras externas captaram um hangar imenso. Havia duas pessoas lá fora, perto da nave, esperando. Eram humanóides, mas azuis e enormes

- A roupa deles parece ser feita de nanorobôs, adaptando-se a cada situação para provocar o máximo de conforto e dar o

máximo de mobilidade. – Conjecturou Helga.

- Vamos sair. – anunciou o capitão. Não adianta nada ficar aqui dentro. Somos prisioneiros de qualquer forma.

E, virando-se, para Jean:

- Mas você fica! Não queremos surpresas... se algo acontecer, tente escapar...

A porta se abriu e a escada desceu. Roland foi o primeiro a sair. O homem azul saúdo-os:

- Sejam bem-vindos. O Grande Lorde quer vê-los...

- Meu nome é Garry Roland. Eu sou o capitão da Pionner e...

- Sabemos quem é... O Grande Lorde Ishna quer vê-los...

Jaime apoiou-se no ombro do capitão, como se estivesse pronto a desmaiar:

- Senhor, há algo errado. Na nave tive a impressão de que já tinha vivido isso... como um dja-vu... agora as lembranças estão vindo...

Garry Roland olhou-o, intrigado:

- Lembranças?

- Sim, senhor... isso está se repetindo, repetindo... e eu tenho a impressão de que deveria me lembrar de algo importante, mas não sei o que é... não sei o que é...

- O Grande Lorde está esperando-os. – interrompeu um dos

azuis.

O capitão colocou a mão no ombro de Jaime, acalmando-o:

- Vamos ver esse Grande Lorde...

O grupo avançou, ladeado pelos dois gigantes azuis, que andavam em silêncio. Pararam em frente a um portão imenso:

- É aqui a morada do Grande Lorde Ishna. Por favor, entrem...

As laterais da porta deslizaram para os lados e um amplo salão se revelou. Os exploradores avançaram . O salão era tão luxuoso quanto amplo. Nas paredes, imagens em alto relevo se moviam, contando histórias de guerras espaciais e epopéias intergalácticas.

No centro, o que parecia ser a estátua de um rei sentado em seu trono, o queixo na mão, em atitude triste e contemplativa, um olhar impregnado de drama. Jaime aproximou-se daquela imagem estática e espantou-se quando a aparente estátua se mexeu. Era como olhar para um deus. Seu rosto azul fulgurava como um sol e era quase impossível sustentar seu olhar.

Um dos soldados se aproximou e apontou para os Exploradores:

- Senhor, aqui estão eles.

O ser enorme se levantou e andou até os exploradores.

- Então, já se lembraram?

Jaime levou as mãos à cabeça, como se quisesse espremê-la.

- Eu estou me lembrando... mas há algo importante, que deveria ser lembrado, algo importante...

O Grande Lorde Ishna olhou-o com compaixão:

- Pobre humano. Essa experiência é muito para ele. Estamos presos aqui, nesse vórtice temporal e temo que isso possa destruir o cérebro dessas criaturas...



Um dos outros seres azuis aproximou-se, cerimonioso:

- Senhor, está na hora de fornecer as coordenadas.

O Grande Lorde fez que sim com a cabeça:

- Está bem.

E, virando-se para Roland:

- Preciso que me dê um minuto. Sei que estão confusos. Mas preciso passar as coordenadas à nave.

O semi-deus deu dois passos para a frente, exibiu uma pose cerimonial, com a mão direita empostada e começou a cantar

4433221111223344

Antes que terminasse, foi interrompido por um grito de Jaime:

- Não continue!

O Grande Lorde olhou-o, irritando:

- Quem ousa interromper o ritual?

Jaime correu até ele:

- Não continue. É isso que está provocando tudo!

- Isso?

- A programação do computador! Pelo que percebi, o computador controla tudo nessa nave, da produção de comida aos elevadores, passando pela limpeza. Um

computador desses deve ser extremamente potente e incrivelmente complexo...

- Sim, sem dúvida. – respondeu Ishna.

- Pelo que percebi, ele deve ser programado todos os dias. Essa programação é feita através de um sistema quaternário. Não vi as programações anteriores, mas essa me parece totalmente simétrica...

A compreensão começou a surgir na face do deus:

- Sim, a programação sempre busca a simetria, mas essa programação específica é total e absolutamente simétrica, a mais simétrica de todas. A seqüência começa e termina com os mesmos números e a segunda parte é um perfeito espelho invertido da primeira.

- É essa simetria absoluta que está provocando tudo. O computador desta nave é complexo demais para aceitar tanta ordem, tanta determinação, tanta simetria. Ele anseia por novidades, por algo que fuja do determinismo... ao receber essa última programação, ele acabou gerando um vírus que irá destruir a nave... mas, como não quer se destruir, o computador criou um vórtice temporal como uma segunda chance para que a programação fosse refeita.

- De certa forma é uma segunda chance para ele também... disse Roland, lá atrás...

O Grande Lorde sorriu:

- Vejo que já se lembra de tudo...

- Sim... e concordo com Jaime... lembro de cada uma das vezes em que repetimos esse dia e, embora muita coisa tenha mudado, as falhas no computador sempre foram uma constante...

- Sim, essa era a pista... mas ninguém conseguiu interpretar essa pista e o que era uma saída, acabou virando uma armadilha temporal... afinal, para o computador um dia ou milhões de anos dão no mesmo. Ele tem uma noção diferente de tempo e queria repetir esse dia até que alguém compreendesse o que ele queria...

Roland espantou-se:

- Meu Deus! Fomos vítimas de uma birra de um computador super-inteligente!

- Mas e agora, como resolver essa situação? – indagou Ishna.

- O computador provavelmente quer chegar a um nível mais complexo. Sugiro que a próxima sequência não seja tão simétrica e que seja acrescentado o número 5.

- Será feito!

O cerimonial começou novamente, mas agora as coordenadas foram alteradas. A partir daí tudo mudou. O

computador deixou de apresentar falhas e aquele dia passou normalmente, sendo substituído por outro.

## PARTE 6

Os exploradores ainda passaram mais dois dias com os seres azuis. Como retribuição, estes decidiram repassar uma parte de sua tecnologia aos humanos. Mas havia uma dificuldade: o sistema extremamente complexo do computador não permitia repassar informações ao computador binário da Pionner. O jeito foi transmitir diretamente aos humanos. Alguns dados técnicos foram mostrados a Jaime e Jean na esperança de que eles pudessem adaptar isso à realidade da Terra.

O próprio Grande Lorde Ishna foi ao espaçoporto despedir-se do grupo:

- Fico feliz de tê-los conhecido. Nunca imaginei que simples humanos pudessem ensinar algo a nós, deuses...

Roland despediu-se ao modo daquele povo, com as mãos postas em triangulo e inclinando a cabeça:

- Espero que possamos voltar a nos encontrar...

A Pionner saiu lentamente do hangar e se afastou, deixando para traz o monstro tecnológico.

- De certa forma estou aliviada por estar fora daquela nave. Viver o mesmo dia por toda a eternidade não é uma perspectiva muito agradável. – suspirou Mai.

- Sim, seria terrível. – concordou o capitão.

- Mas há uma coisa que não consigo entender... eles estavam ali, presos, há séculos, e nunca conseguiram achar uma solução para o enigma... e estamos falando de seres tão evoluídos que se consideram deuses... e o Jaime conseguiu isso em pouco mais de uma semana!

- Poxa, você confia mesmo em mim, hein, maninha? – fez o brasileiro, fingindo-se amuado.

Mai lançou-lhe um ar de cumplicidade:

- Você sabe que não é nada disso. Mas pense bem, é estranho que eles não tenham percebido que a única constante em tudo isso eram os defeitos do computador...

- Creio que as habilidades de Jaime o ajudaram muito. – disse Roland, coçando o queixo. Essa habilidade de se comunicar com as máquinas já nos salvou em outras situações... mas acho que tem algo mais... a verdade é que nossos anfitriões simplesmente não conseguiam lidar com o fato de que a máquina fugira de seu determinismo. É o que os pesquisadores chamam de paradigma. Experiências feitas na Terra mostram que as pessoas tendem a ignorar fatos que não se encaixam em sua visão de mundo...

- Parece que naquela nave, o que havia de mais humano era o computador. – arriscou Jaime.

O capitão concordou com a cabeça e pareceu pensativo

durante algum tempo.

- Preparar para o salto quântico. – disse, por fim. Vamos voltar para casa!